

3. GEOGRAFIA, POS-MODERNIDADE E SUBJETIVIDADE
(A Questão do Sujeito)

~~Alfredo Corrêa da Silva*~~

O sujeito psicológico

Qual a causa da expansão da mente nas sociedades ditas pós-industriais e pós-modernas?

De que natureza é essa expansão?

Qual o seu limite?

Essas questões são postas pelo cotidiano das grandes metrópoles onde o fenômeno se verifica.

O que acontece?

Para Lyotard, "A condição pós-moderna é [...] estranha, tanto ao desencanto, como à positividade cega da deslegitimação. Onde pode residir a legitimidade, acabando as metanarrativas? O critério de operatividade é tecnológico, não sendo pertinente para ajuizar do verdadeiro e do justo" (1989 : 13)

Ora, o sujeito psicológico da modernidade, além da memória e do imaginário postos pela História, tinha sua referência na biografia e na história de vida.

Se "a História acabou" (?), permanecem, no entanto, a experiência individual e sua memória.

Contudo, fora do grande relato, resta, cada vez mais, apenas a consciência do "aqui e agora", que é, como diz Lyotard, operatório e técnico, portanto, só funcional. E, de uma função em si não se pode fazer um juízo de valor.

Livrando-se do tempo passado (o inconsciente) e do tempo futuro (o imaginário) a mente se espacializa?

Parece ser esta a raiz do problema.

O que está acontecendo com o espaço e o tempo e como isso repercute na mente individual?

Tudo tende a ter relação com a velocidade, o que altera a noção de valor psicológico. Alterando esse valor ocorre uma desmaterialização do tempo e do espaço mentais. Põe-se então, o vazio e a mente vazia. Ora, a mente vazia é pura espacialidade, ou seja um atributo "ideal" do espaço, ou seja, o espaço como idéia abstrata e concreta, mas incomensurável.

Trata-se de algo tangível ou algo como a sensação de vertigem?

Alfredo Corrêa da Silva
*Professor Titular do Departamento de Geografia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo.

Nesse sentido, o que diferencia a Espaciologia da Geografia no indivíduo?

O eu passa a ter como referências várias coordenadas: na arte, na literatura, no teatro, na música, na dança, na ciência, na história, na filosofia, no cotidiano.

A Espaciologia preocupar-se-ia com a dimensão puramente espacial dessas referências, mas de um modo abstrato, pois concretizá-las é entrar no campo do geográfico, que, individualmente se manifesta no "eu quero", "eu não quero", "eu gosto", "eu não gosto" etc.

Mas, isto tem relação com o pensar.

O sujeito cognoscente

A situação atual do conhecimento coloca um problema que comporta duas soluções: o voltar-se para a própria consciência, cujo paradigma parece ter-se esgotado, ou agir no paradigma da intercompreensão, uma atitude "performativa dos participantes da interação que coordenam os seus planos de ação através de um acordo entre si sobre qualquer coisa no mundo. Enquanto o ego executa um acto de fala e o alter define posição perante ele ambos entram numa relação interpessoal." (Habermas, 1990: 277).

O conhecimento é posto, então, numa situação diversa das alternativas conhecidas segundo as quais ou o conhecer vem de fora da consciência, ou vem de dentro dela; ou seja, o conhecimento se põe na relação entre o ego e o alter.

Ora, isto envolve a ação (a interação) recíproca, como em Max Weber, em seu conhecido texto Economia e Sociedade. É nessa configuração que se apóia Parsons, em sua teoria sistêmica, numa abordagem neo-funcionalista. — E

Mas, no caso anterior, a "intercompreensão" levaria ao consenso e não à competição, mas à solidariedade. Então, a razão seria sempre cognitiva e empática, num sentido oposto às teses autoritárias.

Esta posição rejeita, de um lado, o neo-positivismo e, de outro, o neo-behaviorismo, em razão de seu conteúdo humanístico.

No entanto, como dar resposta à presença atuante do técnico-científico do presente?

Pois, a saída do agir comunicacional (idem : 309) trançõe o campo da filosofia individual do eu cognoscente para o campo inter-reflexivo da Psicologia Social. § —

Como se dá então a relação eu-espaco?

De um lado, como determinação externa (o mundo) e, de outro, como escolha que perpassa o âmbito da cultura, interiorizado em conceitos e categorias.

O sujeito coletivo

Mas, quais os conceitos e categorias coletivas?

A resposta repousa na não separação entre o "eu", o "tu", o "ele", "ela", o "nós", o "vós", o "eles", "elas".

Nesse Caso, é preciso considerar o papel das vanguardas. Ora, a vanguarda está implícita em qualquer dessas categorias.

Mas, não se trata de um objetivo revolucionário, mas de uma condição de toda cultura, no sentido antropológico.

Em Geografia dir-se-ia "o meu espaço", "o nosso espaço", como lugares (territórios) de posse, antes que de propriedade, o que implica em uso e troca num sentido não econômico, mas apenas simbólico, que envolve uma ética pessoal ou de grupo. É o que ~~Berman~~ (1982) chama de "experienciar o espaço e o tempo".

No caso do espaço, no contexto da modernidade e da pós-modernidade, ele pode aparecer como "o outro", sendo individual ou coletivo.

Por isso, o espaço pode libertar ou oprimir. O sujeito coletivo está, então em permanente luta para "abrir espaço", seja o eu ou o nós (o eu, aqui é tomado em seu sentido sociológico e psíquico-social).

É o que acontece em situações de vivência concreta quando existem fronteiras visíveis e invisíveis, delineadas por fixos e fluxos (Silva, 1993 : 2).

Dai a importância da arquitetura, do urbanismo e do paisagismo enquanto configuração do entorno.

O sujeito histórico

Na atualidade aumentou o papel da subjetividade. Mas, a classe social ("em si" e "para si") dilui-se em frações de população.

Essa a natureza dos chamados "movimentos sociais urbanos" referidos por Castels em A Questão Urbana.

A sociabilidade inerente à classe, no período liberal, transformou-se numa intersubjetividade pessoal que aglutina atores sociais variados em manifestações diversas (invasões coletivas no campo e na cidade).

Foucault chama a atenção para o micro-poder que é contestado nos hospitais, nos hospícios, nos presídios, na escola como movimentos de rebeldia que distinguem o comportamento alternativo do comportamento marginal.

No terceiro mundo o operário distingue-se do trabalhador e o popular confunde-se com o agir da massa, como nos grandes espetáculos.

Harvey

psíquico-social



Não obstante, a sociedade civil atual tem componentes corporativos, dados pela penetração nas consciências do interesse das categorias.

O voto, que daria sentido ao protesto coletivo é na verdade de uma miríade de decisões individuais e grupais que nasce nos espaços "públicos", como a rua, a praça, os pontos de encontro, a sala de aula e as manifestações democráticas consentidas, como as plenárias, os comícios, as passeatas, cujos limites o sistema delimita, na alternância de autoritarismo e democracia, conforme a expressão maior ou menor da hegemonia dos grupos ideológicos de esquerda, centro ou direita.

Ora, esses componentes modernos e pós-modernos são em grande parte simbólicos e se definem na ausência de realidade concreta do signo, transformado em simulação (Silva, 1993).

Bibliografia

BERMAN, Marshal (1982) All that is Solid Melts Into Air: The Experience of Modernity, New York: Simon and Schuster; also 1983, London, Verso, citado por Soja, Edward W. (1989) Post Modern Geographies. The Reassertion of Space in Critical Social Theory, Verso, London, Great Britain.

HABERMAS, Jurgen (1990) O Discurso Filosófico da Modernidade, op. cit., Publicações Dom Quixote, Lisboa, Portugal.

LYOTARD, Jean - François (1989) A Condição Pós-Moderna, op. cit., Edições Loyola, São Paulo, Brasil.

SILVA, Armando Corrêa da (1993) Geografia, Modernidade e Pós-Modernidade (Uma Primeira Abordagem), xerox, inédito, Presidente Prudente.

_____, (1993) Geografia, Pós-Modernidade e Cultura (Uma Aproximação ao Objeto), xerox, inédito, Presidente Prudente.

~~Presidente Prudente, 15 de novembro de 1993.~~